



# Ministro japonês quer fortalecer relações

Akira Amari, que esteve ontem em Piracicaba, disse que os acordos econômicos entre Brasil e Japão ainda estão enfraquecidos

Romualdo Cruz Filho  
romualdo@tribunatp.com.br

O ministro da Economia, Comércio e Indústria do Japão, Akira Amari, esteve ontem em Piracicaba e visitou a Usina Costa Pinto, sede do Grupo Cosan. Ele veio ver de perto o sistema de fabricação do etanol brasileiro para certificar se o país tem condições de garantir estabilidade no fornecimento do produto. Além do preço, a capacidade de abastecimento é uma das preocupações do governo japonês para avançar no acordo comercial com o Brasil. O Japão só importa etanol para fins industriais, porque o consumo de biocombustível no país ainda acontece em caráter experimental. Mas planeja ampliar a mistura de etanol na gasolina, como já fazem suas indústrias automobilísticas instaladas no Brasil, com o carro flex.

Akira Amari disse que a boa relação entre o Japão e o Brasil existe há um século, mas os acordos econômicos ainda estão enfraquecidos. "É isso que queremos fortalecer", disse. O ministro explicou que existe um comitê específico, com representantes de ambas as partes, para tratar do etanol. Mas seu país está determinado a investir em energia limpa e precisa acelerar

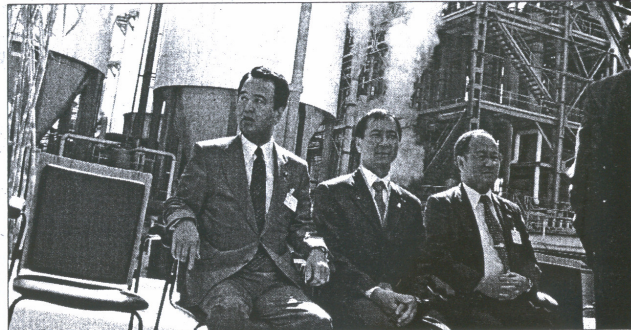
essa negociação. Conforme foi publicado no Jornal Valor Econômico de ontem, está prevista a assinatura de memorando de entendimentos entre importadores japoneses e exportadores brasileiros de etanol para a venda de 200 milhões de litros do produto até 2010. Amari reconhece a capacidade do país para exportar o produto, mas o seu país ainda está avaliando o desempenho do álcool em relação à gasolina. Recentemente estiveram na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) professores de universidades japonesas, e Hidefume Kobatake, reitor da Tokyo University of Agriculture and Technology (TUAT), observou que existem duas experiências alternativas em andamento por lá que podem incrementar a produção de etanol. A primeira pretende extrair o produto da palha de arroz e o segundo, de alga marinha. Mesmo assim, eles deixaram claro que o Japão não tem área suficiente para produzir todo biocombustível que pretende consumir. E o Brasil é o país estratégico para o fornecimento dessa matéria-prima.

## COSAN

Depois da apresentação de um vídeo que trata da produção de etanol no Brasil, os japone-

ses questionaram a possibilidade das reservas florestais, como o Pantanal e a Amazônia, serem invadidas pelos canaviais. Pedro Mizutani, vice-presidente geral da Cosan, tentou afastar essa dúvida, que ainda perdura na Europa – e que influencia a Ásia. Os japoneses questionaram novamente se a invasão não poderia acontecer de forma indireta. Ou seja, os canaviais afastam outras lavouras, que vão buscar refúgio nas reservas florestais. Mizutani enfatizou que o governo brasileiro está atento para evitar qualquer desvio da produção agrícola. Citou inclusive parceria tecnológica entre o Brasil e os EUA para vigiar a Amazônia. Os japoneses se demonstraram convencidos, mas ficou evidente que recebem muitas informações da Europa e não têm a dimensão exata do Brasil.

Amari esteve no domingo, 29, na Usiminas em Ipatinga (MG). Em Piracicaba, visitou também a Dedini e o Centro de Tecnologia de Canaveira (CTC). Hoje ele embarca com a comitiva para Brasília, onde se encontra com Dilma Rousseff (Casa Civil) e Edison Lobão (Minas e Energia). Amanhã se reúne com o ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge e com Celso Amorim (Relações Exteriores), além do presidente Lula.



Akira Amari, à esquerda, estava ontem no Grupo Cosan, e passou também pela Dedini e CTC